Ano 01 • nº 01 • abril 2013
www.revistageracaoz.com.br

Revista GERAÇÃO Z

Tecno-Sociabilidades: juventudes e culturas contemporâneas

- Celebração dos 40 anos da Pastoral da Juventude no Brasil
- Virtualidade, identidades e sociabilidades juvenis
- Direito à diversidade
- Jovens construindo Política Pública
- Educação e juventude: desafio de compreender suas interfaces
- Intersectional Youth Rights in the United States: An Overview
- Do uso para o consumo de drogas em tempos hipermodernos: o que faz a juventude?
- La vida en Mozambique, Tiene otro Color

Editorial

Fone no ouvido, música alta numa batida da hora; calças largas, folgadas e caindo abaixo dos glúteos, mostrando as cores maneiras do calção de ceda colorida por baixo do jeans; camiseta mó largada, preta, com uma figura irada de língua vermelha; tênis maneiro de plataforma de molas e borracha, com cadarços cruzados, mas sem laço; na cabeça um boné sinistro que segura metade do cabelo que se cai no ombro; alargador na orelha esquerda – tá massa, um cordão de prata pesado que cai no tórax sustentando um redondo e bonito amuleto, e na mão? Na mão um smartphone que mostrava páginas abertas de uma revista que estava sendo lida quando o ônibus parou e o(a) jovem desceu.

Eu estava bem atrás de sua cadeira no ônibus 483 via subúrbio-centro, mas não consegui identificar se era homem ou mulher que portava esses adereços e com um forte e alto som nos ouvidos ainda conseguia concentração para ler. Eu fiquei muito curioso, afinal esse tipo de imagem quando a gente ver na rua, principalmente a noite, a gente tem medo e muda logo de calçada pensando que vai ser assaltado. Mas aquele(a) jovem me pareceu diferente. Eu queria ter tido coragem de sentar ao seu lado assim que entrei no ônibus, mas o primeiro sentimento que tive ao passar pela roleta foi o de medo, então eu sentei no único lugar disponível, que era na cadeira de trás. Eu fiquei observando seus movimentos, o gingado da cabeça enquanto a música tocava. Eu conseguia ouvir o som, mas não compreendia qual era a música.

Eu fiquei intrigado com aquela figura dentro do ônibus. Não sei se foi apenas eu que o(a) percebi ali sentado(a) escutando música e lendo uma revista pelo seu celular. Os(as) demais passageiros(as) pareciam não notarem sua presença, ou então devem tê-la ignorado, não sei. O

REVISTA GERAÇÃO Z

Rua Manoel A. de Almeida, 60, Centro, Surubim/PE – CEP: 55750-000.

Home: www.revistageracaoz.com.br

Email: geracaoz@juventudeprotagonista.org.br

Conselho editorial

Anielle Kaline da Silva Andrade, Paulene Almeida Rodrigues, Sage Nenyue, Luisa G. Pareja Villada.

Editor

José Aniervson Souza dos Santos.

Equipe de colaboradores

Alcebino José da Silva (SP), Douglas Ferreira dos Santos (RS), Dayse Alvares de Morais Silva (GO), Felipe Rodrigues Inacio Oliveira (SP), Leandro Silva Vilaça (GO) e Jaqueson Antonio da Silva (PE).

Projeto gráfico e diagramação

Karina Tenório.

Revisão

Paulene Almeida Rodrigues e Anielle Kaline da Silva Andrade.

Imagens

Sxc (www.sxc.hu)

Apoio

que eu sei é que eu vejo diariamente esse tipo de jovens (em idade ou não) e nunca me dei conta do quanto são comuns entre nós. Eles(as) estão em todo lugar e em toda parte. Estão conectados(as) entre si e com o mundo ao mesmo tempo. Como isso é possível? – eu pensei. Na escola em que eu ensino nunca pensamos em incentivar a leitura enquanto se escuta música, muito menos uma música como aquela. Na biblioteca então, o silêncio é a lei maior, coisa quase impossível, levando em conta que trabalho numa escola de ensino médio. Os(as) jovens parecem que não silenciam nunca.

Mais intrigado eu fiquei em ver na mão daquele(a) jovem um celular com acesso a internet e o(a) mesmo(a) estava lendo uma revista. Bem, eu pensava primeiro que as revistas eram impressas, feitas de papel e depois nunca pensei que uma pessoa com aquelas características tivesse interesse em leitura online. Eu fiquei impressionado. Eu me esforçava do lugar onde eu estava para chegar mais perto do(a) jovem e ver o que ele(a) estava lendo. Eu fiquei curioso, é claro! E quem não ficaria?! Eu queria que ninguém percebesse o que eu estava fazendo, mas parecia quase impossível.

Quando eu estava quase desistindo de descobrir o que aquele(a) jovem tanto lia foi quando o seu telefone tocou e numa conversa bem amigável com a pessoa do outro lado da linha, entre gírias e dialetos incomuns ao meu universo, entendi algumas palavras: "é eu vi sim meu véi, o bagulho que escrevemos lá para a revista ficou massa, eles escreveram do mesmo jeito que a gente falou, irado meu irmão, até parece que eu tô falando tudo de novo, e tu leu o que os caras lá das faculdades, os doutores, escreveram sobre a galera? Maneiro neh não? Avisa lá pra turma que acessa ai a revista pow pra ver a gente virando famoso, falow mano, belê" – e desligou.

E depois dessa conversa ao telefone o(a) jovem se levanta e foi quando eu consigo ver o nome estampado na capa da revista que ele(a) estava lendo. Corri, abri minha bolsa, peguei papel e caneta e escrevi aquele nome, pois eu queria saber o que estava se passando nesse novo universo a qual eu não estava conectado. Não vou esquecer, assim que eu chegar em casa e ligar meu computador a primeira coisa que irei fazer é buscar pelo nome **Revista Geração Z**.

> José Aniervson S. Santos /
O Editor.

Licença Creative Commons

O trabalho Revista Geração Z de www.revistageracaoz.com.br foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 3.0 Não Adaptada.

Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em www.revistageracaoz.com.br.

> apresentação

7 Apresentação da revista

11 Apresentação Institucional do IPJ

> espaço aberto

13 Celebração dos 40 anos da Pastoral da Juventude no Brasil

16 Ciberativismo Educacional na Rede

18 Virtualidade, identidades e sociabilidades juvenis

> trazendo ao público

21 Direito à diversidade

24 Jovens construindo Política Pública

27 Jovens desenvolvem projeto com foco na utilização de energia limpa e renovável

> em pauta

29 Educação e juventude: desafio de compreender suas interfaces

32 Uma reflexão sobre sociabilidades juvenis e comunidades virtuais

36 Intersectional Youth Rights in the United States: An Overview

42 Do uso para o consumo de drogas em tempos hipermodernos: o que faz a juventude?

> papo cabeça

47 Tecno-Sociabilidades Juvenis

> jovens no mundo

49 La vida en Mozambique, Tiene otro Color

> espaço do leitor

"Like" us on Facebook – /RevistaGeracaoZ

Follow us on Twitter – @RevistaGeracaoZ

Este espaço é livre para que você, leitor, possa mandar suas sugestões, críticas, dúvidas e elogios para nossa revista digital. Participe!!! Envie seu email para nossa equipe: geracaoz@juventudeprotagonista.org.br

Apresentação da revista

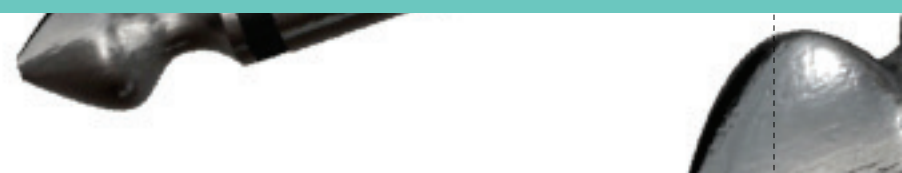
A Revista Eletrônica Geração Z é uma proposta de articulação entre ciência e povo de forma a promover sua interação, principalmente em setores onde ambas não se encontram com tanta frequência. Esta é uma proposta inovadora no tocante ao fazer ciência a partir do povo.

Com as publicações da Geração Z trataremos de evidenciar acadêmicos, pesquisadores e profissionais que atuam e militam na área de juventude e afins, dando espaço para contribuir com as discussões que circulam em meio social, procurando levantar considerações pertinentes ao tema e julgando opiniões a cerca do ponto em questão. Para dialogar com esses pensadores a Geração Z também trará elementos oriundos das comunidades e/ou instituições sociais que deverão mediar esse contato e afirmar a presença destes na ciência.

O diálogo Povo X Ciência será uma constante nas edições que se iniciam a partir desta publicação. Nossa intenção será a de mostrar como nas comunidades as pessoas comuns produzem ciência e fazem despertar a intenção de pesquisadores em entender usos e/ou reuso de instrumentos que pareciam estarem inacessíveis àquele tipo de população. Também é conectar profissionais ao contato direto com as intenções sociais e com isso interferir nas formas e meios de atendimento social, tanto a partir da academia como a partir das expressões populares.

Nas publicações da Geração Z os(as) leitores(as) encontrarão artigos científicos, exemplos de usos de ciência nas comunidades, textos produzidos em cooperação, informativos e tantos outros materiais que irão contribuir com o estudo social da presença da juventude na sociedade contemporânea.

A Geração Z terá dimensão internacional e publicará artigos em português, inglês e também em espanhol procurando dessa forma disseminar o conteúdo científico ao maior número de comunidades possíveis. Além de receber artigos escritos por profissionais no assunto a revista também se reserva ao direito de publicar textos escritos por comunidades, pessoas e instituições que não possuem reconhecimento acadêmico ou



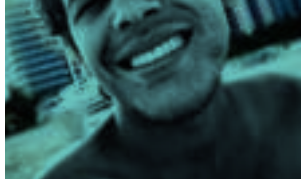
científico a fim de veicular o que é produzido e criado nos arranjos sociais, mas não é de conhecimento coletivo.

Para tornar este projeto realidade a Geração Z conta com um grupo de profissionais de diferentes áreas que atuarão no Conselho Editorial e na Equipe de Colaboradores a fim de dinamizar o conteúdo de suas publicações e tornar a cada dia o diálogo com os setores da sociedade mais próximo. Estes profissionais terão a missão de primar pelo zelo do conteúdo publicado, além de ser elo entre os setores sociais e comunidade científica.

Estão prontos(as)? Que se abram as cortinas, pois a Geração Z está subindo ao palco. Que comecem as apresentações.

Conheça a equipe da Geração Z

> Conselho Editorial



José Aniervson S. dos Santos. Possui licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco – UPE e pós-graduação em Juventude no Mundo Contemporâneo pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Tem experiência na área de ciências sociais, com ênfase em juventude e em políticas públicas. Foi o primeiro Diretor Presidente do Instituto de Protagonismo Juvenil – IPJ (2010 – 2012). Escritor e Conferencista. Possui experiência de voluntariado na África.

> Email: aniervson@gmail.com

Anielle Kaline da Silva Andrade. Psicóloga, com experiência em psicologia social e em programas sociais que atuam com sujeitos em vulnerabilidade e risco pessoal, a exemplo do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) e Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI).

> Email: aniellepop@hotmail.com

Paulene Almeida Rodrigues. Possui Licenciatura em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia Clinica Institucional pela UEG. É tutora presencial do curso de Licenciatura em Pedagogia da UnB/UaB. Atuou nos projetos sociais alfabetização solidária, Brasil alfabetizado e projeto vaga-lume. Foi professora de EJA e tutora presencial do curso de Aperfeiçoamento em Educação para as Relações Étnico-raciais promovido pelo Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (CIAR) da UFG. É aluna do curso de especialização em metodologia do ensino fundamental (UFG). Possui Cursos de extensão nas áreas de Planejamento em EAD pela Universidade Suldamérica; Atendimento Educacional Especializado pela UEG; Educação Inclusiva pela Faculdade Delta; extensão universitária em Bullying e em Educação para a Tolerância.

> Email: paulene-almeida@hotmail.com

Sage Nenyue. Has a Bachelor's degree in Communication Studies from The College of Wooster, a small liberal arts institution in Ohio, United States. His senior Independent Study project allowed him to travel to Seoul, South Korea, where he investigated education and civic engagement for his student magazine. He is currently working on his organization ModernMo, a resource for travel and culturally-inclined LGBTQ youth.

> Email: sage@sagesaturn.com

Luisa G. Pareja Villada. Politóloga graduada de la Universidad Nacional de Colombia en 2011. Entre mis mayores intereses se encuentran las relaciones internacionales, cooperación, desarrollo y empoderamiento de las comunidades de base y cómo se puede dar la articulación de dichos procesos en redes horizontales. Le encanta el trabajo con comunidad y por ello ha realizado trabajo voluntario en Colombia en 2011 y en Mozambique en 2012. Actualmente trabaja para la Secretaria de Educación Distrital de Bogotá en temas de Participación y Convivencia Ciudadana.

> Email: luisita7@gmail.com

> Equipe de Colaboradores

Alcebino José da Silva/SP. Faz parte do Conselho Municipal de Juventude na cidade de Sud Mennucci/SP, onde também atua como conselheiro municipal de Meio Ambiente e de Bairros. Atualmente é coordenador da região Araçatuba pelo Lambda.

> Email: alcebino.silva@ig.com.br

Douglas Ferreira dos Santos/RS. É militante da Pastoral da Juventude (PJ), educador e coordenador do Curso Popular Pré-Universitário/Up nas disciplinas de História e Atualidades.

> Email: douglas.ferreiradossantos@gmail.com

Dayse Alvares de Morais Silva/GO. É coordenadora do Coletivo Uttopia21, consultora de EAD no Instituto de Protagonismo Juvenil e Designer Instrucional na Educmedia. É mestranda em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC/SP, tutora, ciberativista e blogueira.

> Email: uttopia21@gmail.com

Leandro Silva Vilaça/GO. Possui formação em lideranças juvenis e foi colaborador da Casa da Juventude Pe. Burnier/GO (CAJU) e coordenador do curso de Liderança Juvenil. Atualmente é assessor de grupos juvenis em Goiás.

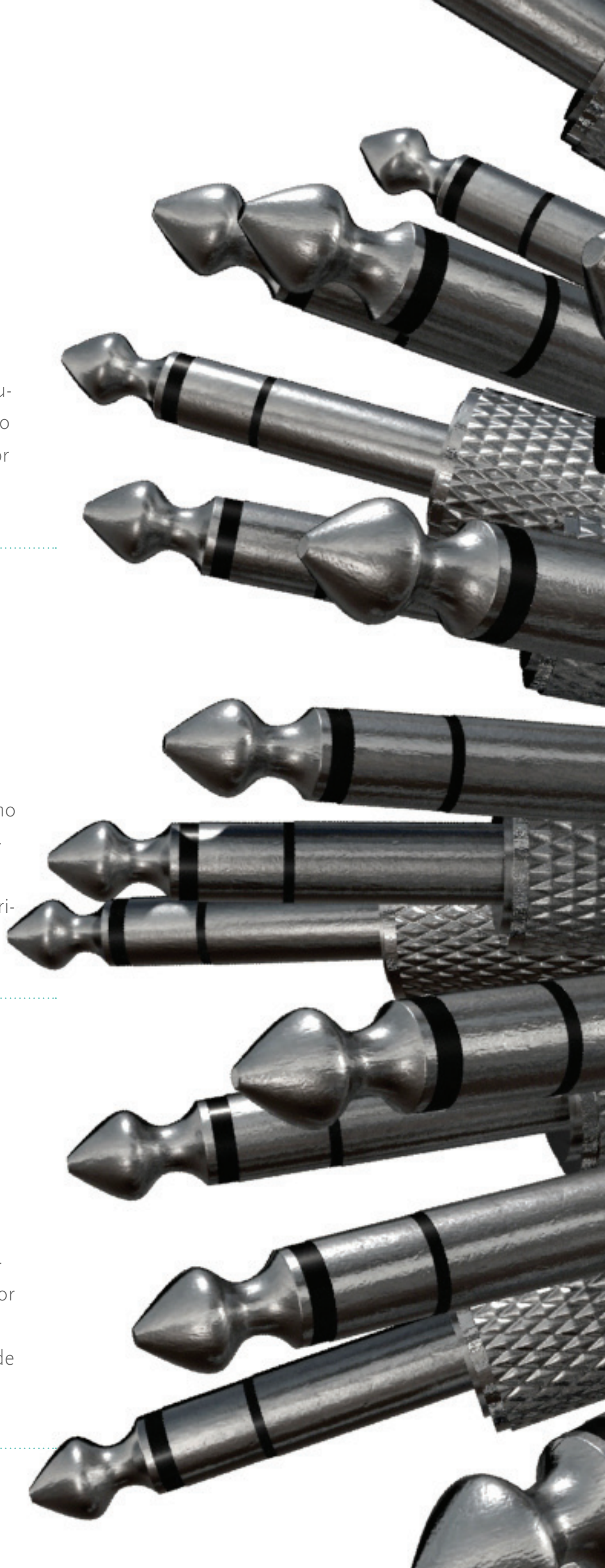
> Email: leandrojunqueira15@hotmail.com

Felipe Rodrigues Inacio Oliveira/SP. Pesquisador no projeto sobre Juventudes e Participação na Construção de Politicas Públicas no Projeto Técnico Cientifico da Etec Polivalente, Americana/SP. Escritor do "Projeto 365".

> Email: feeh.rodrigues03@gmail.com

Jaqueson Antonio da Silva/PE. É estagiário do Tribunal de Justiça de Pernambuco e foi coordenador da Pastoral da Juventude na Diocese de Nazaré/PE. Atualmente é integrante do Grupo Diversidade da Unicap.

> Email: jaquesonsilva.direito@gmail.com



Apresentação Institucional do IPJ

O Instituto de Protagonismo Juvenil – IPJ é uma Organização Não Governamental, sem fins lucrativos, criada por jovens provenientes da Pastoral da Juventude, que idealizam uma nova organização a qual desenvolve um trabalho com toda juventude. A entidade foi fundada no dia 17 de maio de 2010.

Acreditamos que podemos

> “contribuir para o desenvolvimento integral dos jovens afirmando seu papel social como promotor de cidadania através da intervenção concreta na proposição e consecução de políticas internas e públicas fortalecendo seu protagonismo na sociedade.

Nossa área de atuação abrange todo o território brasileiro na qual trabalhamos alguns eixos temáticos: Políticas Públicas, Relações de Gênero, Capacitação Profissional e Participação Juvenil nos seguintes programas: Formação Integral para Jovens, Formação Continuada para Educadores de Jovens, Articulação em Redes e Gestão & Desenvolvimento Institucional. Identificamos dois segmentos como público-alvo: adolescentes/jovens e educadores de jovens.

Temos certeza que Educação é um processo que envolve reflexão, ação e a escuta pedagógica centralizada na vida. Desta forma, esperamos fortalecer e criar vínculos de identidade pessoal, com o outro e com a totalidade.

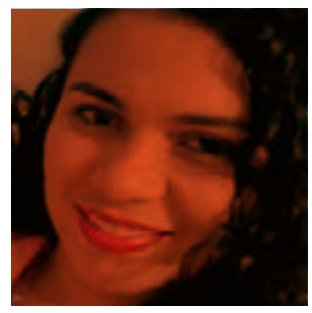
Programa de Formação Integral para Jovens – este programa tem como foco direto o nosso público – a juventude. Através desse trabalho e do contato com os jovens aprimoramos o estudo a cerca do fenômeno juvenil. Conhecemos e entendemos de perto o perfil da juventude surubinense e região. O jovem sendo entendido em seus anseios, suas angústias, suas dúvidas, sua rebeldia e apaixonados por seus ideais, convicto que pode fazer parte da construção de um novo tipo de sociedade.

Programa de Formação Continuada para Educadores de Jovens – acreditamos que os educadores são estrategicamente essenciais no processo formativo da juventude. Com eles buscamos descobrir e construir metodologias mais participativas que respeitem os jovens como indivíduos de direitos que são e ajudem a vencer as barreiras nas relações que existem na família, na escola e na comunidade.

Programa de Articulação em Redes – os outros programas têm uma ação mais voltada para formação. Entretanto, sabemos que o intercâmbio e a articulação entre as organizações diversas são um importante instrumento para construção de uma nova nação. Acreditamos que o protagonismo juvenil é uma alternativa saudável onde o jovem e o educador, cada um no seu espaço, podem mostrar sua ação, propor, fiscalizar políticas para a juventude e a sociedade, através do estabelecimento de relações em redes e parcerias com outras organizações ampliando assim, sua atuação.

Programa de Gestão e Fortalecimento Institucional – todo esse trabalho com a juventude necessita ser amparado por um suporte. Esse programa visa o fortalecimento de nossas ações, a criação de uma referência para a realização do trabalho, a formação contínua da equipe de trabalho e a facilitação de reuniões e avaliações com as diversas instâncias que compõem o IPJ garantindo a democracia organizacional da entidade.

Neste sentido, o fazer pedagógico pode ser traduzido através de práticas educativas que valorizem a autonomia dos sujeitos, que tenham a reflexão teórica como elemento estruturante da nossa ação, que aportem a criticidade, a alegria, a ousadia, a esperança e o questionamento cotidianamente, dessa forma tenham o diálogo como instrumento de comunicação.



> Cinthia Maria Queiroz da Silva /
Diretora Presidenta do IPJ

Celebração dos 40 anos da Pastoral da Juventude no Brasil

Juventudes de diferentes realidades brasileiras estiveram reunidas nos dias 09 e 10 de março em São Leopoldo/RS para celebrar os 40 anos de caminhada da Pastoral da Juventude do Brasil. Durante a programação foi realizada momentos de formação, lançamento do selo comemorativo dos 40 anos de caminhada e memória da história, acompanhada de muita alegria, música e dinamismo.

> Imagem: PJ / Reprodução

A PJ, como é conhecida, é uma organização de jovens católicos que organizados em pequenos grupos e em comunhão com a igreja tem como missão a evangelização de outros(as) jovens despertando-os(as) para a transformação de homens e mulheres novos(as) comprometidos(as) com a transformação social.

Em meio ao contexto de ditadura civil militar marcado pela censura e violência é que a Pastoral da Juventude surge, tendo como herança metodologias da Ação Católica que estimulada pelo Papa Pio XI tinha como objetivo principal à participação dos(as) leigos(as) na evangelização. A Ação Católica especializada (segunda fase da Ação Católica) permitiu uma evangelização mais próxima da realidade do(a) leigo(a) marcado pelo método Ver-Julgar-Agir organizados em pequenos grupos. Neste momento que surgem os grupos específicos como JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JIC (Juventude Independente Católica), JOC (Juventude Operária Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica).

Podemos afirmar que a Pastoral da Juventude (re)surgiu com as tentativas da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em articular as experiências de grupos de jovens espalhados pelo Brasil reunindo-os em 1973 no primeiro encontro nacional realizado no Rio de Janeiro. Esses anos foram marcados como as primeiras articulações seguidas das etapas de elaboração teórica e da missão. Em 1981 Padre Hilário Dick assume a assessoria nacional.

A opção pedagógica pelos pequenos grupos que a partir do método Ver-Julgar-Agir reflete sobre a realidade, a fé vivida no engajamento social considerando os aspectos políticos e a confiança no protagonismo juvenil são algumas das características herdadas pela Pastoral da Juventude da Ação Católica.

A PJ tem como identidade visual uma cruz vermelha que representa a cor da paixão e do amor. A

Cruz está como se estive deitada no chão simbolizando um caminho rumo à "civilização do amor". O circulo em sua volta representa a igualdade e a forma usada nas reuniões dos grupos e, a sigla PJ no meio da cruz remetendo a importância de estar inseridos(as) na vida em grupo e nas diferentes realidades juvenis.

No caminho percorrido pela Pastoral da Juventude do Brasil percebe-se o comprometimento da juventude pejoteira (como são chamados os integrantes desta organização) e os avanços nas reflexões sobre protagonismo e políticas publicas no cenário nacional.

Vários foram os momentos históricos em que a PJ participou contribuindo com sua experiência e construindo conjuntamente com outras organizações juvenis como, por exemplo, nas manifestações pelo fim da ditadura militar civil brasileira que começou com o golpe dos militares em 1964 pondo fim qualquer tipo de manifestação e liberdade matando milhares de jovens que eram contra ao regime imposto.

A década de 1980 foi marcada pela movimentação das Diretas Já que exigiam a escolha direta do presidente da republica que só foi acontecer em 1989 com a escolha de Fernando Collor de Melo que renunciou em 1992 após manifestações da juventude brasileira que ficou conhecida como os "Caras pintadas" por terem em seus rostos tintas verde e amarela fazendo alusão a cor da bandeira nacional.

A PJ esteve presente nas manifestações em favor ao impeachment do então presidente Fernando Collor em algumas localidades e em outras contribuiu para a fomentação e formação dos jovens a partir da vivência em grupo que inseridos em outras organizações de lutas juvenis também foram protagonistas nesse processo.

Nos dias atuais vários são os espaços em que a Pastoral da Juventude está inserida como, por exemplo, nas discussões e articulações de conselhos de juventude.

> Por Douglas Ferreira dos Santos / Equipe de Colaboradores

> Foto: Tiago Greff / Trilha Cidadã

Ciberativismo Educacional na Rede

O ciberativismo já é um assunto bem divulgado na Rede desde o final da década de 90, quando tivemos várias manifestações como as dos Zapatistas (México) que usaram bastante a rede para divulgar suas lutas, seus desejos, falta de direitos. Para reclamar por direitos as suas terras e liberdade para seu povo. O que trouxe uma divulgação dos seus objetivos de luta para todo o mundo, conseguindo a partir daí novos adeptos para sua causa.

De lá para cá muita transformação ocorreu no mundo e na rede, muitos movimentos sociais se proliferaram, muitas causas conseguiram seus objetivos e muitos movimentos em busca de direitos sociais e civis ainda estão por vir. Tudo que esses(as) ciberativistas querem é um mundo melhor, mais justo e igualitário para as comunidades e seus contextos sociais.

No entanto, embora falamos de ciberativismo, de busca de situações melhores para seus contextos sociais uma área que sempre deveria ter grande atuação em mudanças sociais, mas nunca teve é a educação.

O modelo educacional brasileiro sempre ficou acomodado no modelo industrial, patriarcal e jesuíta. Nesses anos todos parece que pouco tem mudado no ambiente escolar. Os(as) professores(as) escrevem em quadros negros, se dizem autoridade e não pretendem reivindicar por muitas mudanças, a não ser de seus próprios salários.

No entanto, a geração Z nasce com novas perceptivas de educação, de busca, de aprendizagem e começam a questionar suas escolas em ruinas, seus professores faltantes e sua pouca comida no prato. Essa é a geração Z que se apropria das novas tecnologias e começam a mudar o ambiente escolar, denunciando as janelas quebradas, as agressões sofridas, os professores que são maltratados e que maltratam.

O ciberativismo no âmbito educacional começa pelos(as) discentes, pela geração que se incomoda com tantas injustiças, enquanto um grande número de professores(as) continuam calados(as) e muitos(as) ainda tentam calar a voz da geração Z. Um exemplo no Brasil, foi a caso "Diário de Classe" onde alguns(mas) professores(as) da escola pública de Isadora Faber continua até hoje reprimindo a voz da garota e dizendo que a escola não tem tantos problemas como foram registrados em sua página 'Diário de Classe' na internet. Como assim não tem tantos problemas registrados? Percebe que neste caso o oprimido se torna opressor. Que a Instituição que nega um salário digno e uma estrutura física adequada de trabalho é protegida pelo oprimido e trabalhador(a). Esses(as) são professores(as) que não tem noção de seus direitos trabalhistas e se identificam com o poder de manipulação da Instituição. Para uma educadora que realmente gosta do ato de educar é

triste ver colegas tão submissos ao discurso dominante. Tão alienados aos seus míseros salários a ponto de defender o opressor que lhes nega uma qualidade de vida adequada, que faz trabalhar em três empregos para comprar seu carro popular, que lhes nega até mesmo conhecimento adequado para concorrer ao mercado de trabalho ao fazer deles(as) "escravos(as)" em vários turnos de produção na educação.

Mas, Michel Foucault sempre alertou que a educação poderia ser usada para mudança social ou para manter o ***status quo***. Fico aqui pensando o que será de nós se o ciberativismo educacional não proliferar através dos discentes e de alguns professores(as) que conseguiram em seu tempo de folga ler Foucault. O que será da educação com tantos oprimidos falando a língua do opressor. Só me resta dizer: Acordem professores(as) a Nova Era chegou! E devemos aprender pelo amor e não pela dor!

> Por Dayse Alvares de Morais Silva / Equipe de Colaboradores

Virtualidade, identidades e sociabilidades juvenis

Por meio da moratória social, a existência juvenil está sempre mediada pela pessoa adulta. A moratória social é essa espécie de suspensão, de espera e tolerância concedido pela sociedade para que os/as adolescentes e jovens se preparem para ingressar na vida adulta (ERIKSON, 1987). Na esfera pública, ela representa uma possibilidade de retardar a entrada do/a jovem na sociedade como um igual ao adulto, retardando também qualquer horizontalidade nas relações de poder. Poderia se dizer que, em alguma medida, é um resguardo do papel do adulto e seu mando sobre os/as jovens (CALLIGARIS, 2000).

A adolescência é entendida como a fase das estreias, de uma nova adaptação à realidade (WINNICOTT, 1970). Os/as jovens adolescentes[1] fazem sua re-apresentação ao mundo, prescindindo das mediações da infância para participar da vida social. Acontece que, ainda que com as capacidades físicas de produção e reprodução compatíveis com as dos adultos, o/a jovem adolescente está submetido a essa suspensão imposta pela moratória. Isto é, o seu ingresso na sociedade como um par do adulto não se concretiza plenamente nessa faixa etária.

No entanto, a sociedade informatizada coloca novos elementos nessa relação jovem adolescente – adulto. Isso porque nas diversas formas de interação virtual surgem e se propagam cada vez mais as relações não mediadas, autogeridas e ‹*desierarquizadas*'.

Calligaris (2000) afirma que os agrupamentos juvenis, como suas transgressões, são mecanismos pelos quais eles/as pedem sua 'admissão ao mundo adulto', mas, além disso, o/a jovem adolescente busca reconhecimento. Os agrupamentos juvenis, dos quais estão excluídos os adultos, são parte da busca juvenil por *"novas condições sociais, em que sua admissão como cidadão de pleno direito não dependa mais dos adultos"*.

Para o autor, a família deixa de ser considerada o principal núcleo da vida na juventude, como é na infância. Os grupos criados pelos/as próprios/as adolescentes favorecem ao mesmo tempo o afastamento dos adultos, isto é, das relações verticais, e a vivência do reconhecimento mútuo.

As novas tecnologias de informação, além de possibilitar os agrupamentos horizontais, onde os/as adolescentes prescindem das mediações adultas e se reconhecem como pares, podem, em alguma medida, excluir os adultos, uma vez que as novidades da tecnologia são, não raro, dominadas com facilidades pelos jovens e ignoradas pelos adultos.

Essa é a época da visualidade eletrônica, do século XXI, em que existir é sinônimo de ser visto. Na sociedade do espetáculo, postulada por Guy Debord, desconectar-se das redes de informação representa estar excluído do próprio mundo, deixando de ser real.

No mundo juvenil, a virtualidade tornou-se parte indissociável das vivências de sociabilidade e construção de identidades. Por meio das redes sociais, blogs e micro-blogs, jovens adolescentes fazem uma experiência fundante para a fase etária que vivem: a da existência para o/a outro.

A adolescência se constitui como um período de formação de identidade, por meio de um processo de criação autoral, menos mediado. Para Erik Erikson, a identidade define o 'eu sou', criando segurança e estabilidade que permite o estabelecimento de relações de intimidade, as filiações, a fidelidade. Essa definição de quem se é exige como condição preliminar o sentimento de ser real, o que só é possível diante do reconhecimento alheio.

Para Donald Winnicott (1970), o dilema da adolescência é existir e é pelo olhar do outro que a pessoa se constitui como tal. Tomado pelo medo da invisibilidade e da futilidade, o/a jovem adolescente sente necessidade de ser real para alguém, em algum lugar.

Nas redes sociais virtuais, alguns fenômenos relacionados ao mundo juvenil se entrecruzam: os processos autorais de criação de identidade – o/a adolescente diz de si mesmo; a visibilidade – a existência para um/a outro/a; a sociabilidade – a formação de comunidades, diversos tipos de relacionamentos e graus de intimidade; a invenção de múltiplas identidades – isto é a criação de outros/as de si mesmo.

1 No Brasil, por fins de políticas públicas, defini-se como jovens pessoas entre 15 e 29 anos. Nessa faixa etária, se categoriza ainda com a seguinte terminologia: jovens adolescentes (para caracterizar pessoas de 15 a 18 anos); jovens jovens (para caracterizar pessoas de 19 a 24 anos) e jovens adultos (para caracterizar pessoas de 25 a 29 anos)

Talvez por esses fenômenos, José Machado Pais (2006) afirma que o mundo virtual representa para os/as jovens adolescentes uma fuga do espaço estriado (da ordem) e a constituição do espaço liso (da liberdade). Essa possibilidade de fuga da estabilidade e do controle, criada pelas novas tecnologias da informação, deve-se a algumas principais características: horizontalidade – ausência de hierarquias; espontaneísmo das relações e descontinuidades. Há ainda o multipertencimento que, segundo Pais, possibilita uma diversidade de encontros e desencontros, ao mesmo tempo, invenções e reinvenções de si mesmo. Essas características invertem a lógica original do espaço estriado, simbolizado para os/as jovens principalmente pela escola e, em alguns casos, pela família.

Há ainda outra característica da virtualidade que mobiliza elementos importantes da adolescência e juventude: o ato criativo. Para Winnicott, existir é condição para criar. A internet, ao passo que pode ser canal da experiência de existência para o/a jovem adolescente, pode também ser instrumento de *"transformação do mundo pelo gesto"*. Segundo o autor, um dos elementos fundantes do ser humano é o ato criativo. No ato de criar, o/a jovem existe, cria o mundo, participa da herança cultural da humanidade, deixando sua marca nos espaços e coisas, ao mesmo tempo em que se apropria delas.

A natureza do espaço virtual contém todas as circunstâncias para a criatividade. O caráter ***democrático*** da internet inverte toda a lógica da autoridade adulta sob a qual jovens adolescentes estão submetidos/as. Pode ser não só mecanismo para garantir a sua existência no mundo, mas para transformar a natureza das relações, das formas de engajamento e das identidades pessoais e coletivas.

As ferramentas virtuais são hoje, em maior ou menor grau pelas questões de acesso e inclusão, parte da vida juvenil e da formação de identidades, relações e projetos juvenis. Basta a nós nos perguntar se elas são também instrumento para nossas práticas educativas. Isto é, o quanto estamos conectados com o mundo juvenil, num processo de compreensão das potencialidades e limites dessas novas ferramentas.

Referências Bibliográficas:

CALLIGARIS, Contardo. ***A adolescência***. São Paulo: Publifolha, 2000.

ERIKSON, Erik H. Para além da identidade. In: ***Identidade, Juventude e Crise***. Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

WINNICOTT, Donald W. (1970). Vivendo de modo criativo. In: ***Tudo começa em casa***. Trad: Sandler, Paulo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda (org). ***Culturas jovens: novos mapas do afeto***. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

> Vanessa Araújo Correia / Jornalista, especialista em juventude e mestranda em estudos culturais, pela USP. Email: vancorreia@usp.br

Direito à diversidade

Nos dias 1 e 2 de abril a Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) recebeu o I Seminário Nacional de Direito à Diversidade. O evento organizado pelo Grupo Diversidade da Unicap em parceria com o Diretorio Academico Fernando Santa Cruz (DAFESC) teve como objetivo fomentar o diálogo entre academia e sociedade no tocante aos Direitos Humanos, bem como ampliar a discussão das temáticas que envolvem grupos socialmente vulneráveis, tais como questões de gênero, diversidade sexual, pessoas com deficiência, ativistas políticos, estrangeiros e refugiados.

O evento ocorreu no auditório G1, tendo como condição de participação a inscrição prévia via e-mail e entrega de 2Kg de alimento não perecível, doado a instituições não governamentais que defendem efetivamente os direitos das minorias.

Para o estudante de direito da Unicap, Vinicius Passos, 20, a importância desse Seminário se dá pelo fato de "vivermos em uma sociedade plural, povoada por pessoas e grupos dos mais diversos. Infelizmente nem todos esses grupos tem a devida visibilidade e respeito, carecendo de proteção, dada a sua vulnerabilidade. Esse evento é imprescindível para ampliar o debate e promover o respeito às diferenças e, acima de tudo, à dignidade da pessoa humana, princípio norteador de todas as relações jurídicas atualmente. Nosso maior objetivo é caminharmos para uma sociedade mais justa e, acima de tudo, mais inclusiva".

> Por Jaqueson Antonio da Silva /
Equipe de Colaboradores

Espiação

Estranha ausência no olhar...

Pálida,

Serena,

Manuseando afiada navalha e usando um vestido amarelo.

Ou seriam seus cabelos? Fios d'ouro cascateando pela extensão do corpo esguio...

* * *

Lábios entreabertos:

Dentes pouco visíveis...

Indolência.

Indiferente, como se viesse para ferir-me com a navalha em alguma parte vital do meu corpo.

Aparentemente – pairando muito acima da existência vulgar e fétida de todos nós – não percebe que a navalha está cortando os seus dedos. Sangue cálido, doce, puro, goteja nas suas coxas volumosas.

* * *

Nem percebe que estou aqui, como um rato solitário, espiando mesquinhamente a sua sublime existência.

Talvez não queira perceber...

Talvez, em seu âmago soturno, esteja sentindo apenas que uma flor de desprezo nasceu com a sombra da minha contemplação...

Com muita paciência eu rego a planta.

Enquanto se corta, é o meu sangue que banha suas pernas abundantemente, e fico esquálido. Olheiras enormes no meu rosto. Ela me olha...

* * *

A claridade do seu olhar me incomoda:

Luzes mortíferas dotadas de demoníaco poder elétrico irradiando de um rosto largo e imóvel.

Sua face nunca moveu-se. Nenhuma vez o desespero repuxou a sua pele facial formando uma ruga sequer. É dura. É fria.

Parece sentir alguma dor. Deixa a navalha cair no chão. Respiro e sinto o cheiro da sua atenção distante e impessoal. Seu olhar reflete: asco. Do sangue. De mim. Do rato. Do vestido. Do ouro rebrilhando na forma de um anel no seu dedo. De toda a cena. Nada parece interessá-la... há um rato no chão. Não é para mim que olha, é para ele. Fuzila-o. Cola os lábios. Tudo vejo da penumbra onde expiro autocomiseração e miséria: tudo o que mais odeia. Volta-se e se detém em mim... sinto uma lufada de ar frio subir. Rapidamente volta à sua posição inicial.

Completamente ausente, tenho certeza de que assustou-se com a escuridão extrema do lugar onde me encontro: eu. Nem brilho de olhar enxergou... permaneço incógnito.

FIM

> Vanderson Santos / Texto e ilustração.

Jovens construindo Política Pública

Jovens paulistanos interessados em debater a política estadual de juventude reuniram-se entre os dias 16 e 17 de março no Fórum Paulista de Juventude que já está em sua 8ª edição. O encontro que tem como principal objetivo a troca de experiência e aquisição de conhecimento proporcionou aos jovens debaterem sobre as ações do governo que é destinada a essa parcela da população que vai da faixa de 15 a 29 anos.

> O Fórum Paulista de Juventude, idealizado na cidade de São Paulo em dezembro de 2009 tem como princípio ser um espaço aberto à discussão, reflexão, formação, proposição e troca de experiências entre os municípios do Estado de São Paulo, visando à melhoria da qualidade de vida da juventude paulista. Este espaço possibilita refletir sobre as diferenças e potencialidades de cada região do Estado no trabalho com a juventude.

Durante alguns debates, principalmente o que discutiu "Recortes Ético-raciais, de Gênero e Orientação Sexual" foram bem calorosos, onde por diversas vezes se ouvia o pedido de "questão de ordem". Nesta mesa a professora Silvia Helena Seixas falou muito das sua vivências. Ela contou sobre casos em que crianças consultavam professores, com duvidas do cotidiano como "por que eu sou escuro e fulano é claro?" ou "por que eu tenho dois pais?" E de como muitos professores usavam sempre a vontade de Deus pra responder as questões. Em sua fala mais enfática disse que a Escola é laica!

Já na mesa de "Gênero e Orientação Sexual", enquanto se discutia o tema, jovens preparavam moção de repúdio a saída imediata do pastor Marcos Feliciano da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal. Segundo o jovem Felipe Freitas, 24, graduando em Serviço Social "com essa atitude, buscamos deixar pontuada a nossa visão de mundo. Lutamos por um mundo mais justo, igualitário, onde sejamos respeitados enquanto seres humanos".

Após o primeiro dia de atividade os jovens seguiram para o alojamento, a interação entre eles marcava o sentido de unidade juvenil, que eram divididas entre as bandeiras ideológicas e a busca de conhecimento.

No último dia de atividade, as 7h da manhã avistavam uma galera já em posição para o assunto que viria o tão sonhado Conselho Estadual de Juventude (SP).

Para Bruno Santana, 28, um dos organizadores do Fórum Paulista de Juventude, entre as discussões, foram fortes as seguintes pautas:

- Insatisfação em relação ao nome de Feliciano a frente da Comissão de Direitos Humanos no Congresso Nacional;
- A necessidade de se pensar um novo formato organizativo e de financiamento do Fórum (com rearticulação dos atores regionais);
- A ineficiência que o Estado de São Paulo – mais rico da União – apresenta para os segmentos jovens;
- Acesso aos espaços no interior;
- Trabalho em rede e utilização de novas tecnologias, como transmissão em tempo real do Fórum;
- Acessibilidade para deficientes,
- Um modelo de Conselho Estadual de Juventude composto por 50% do Poder Público e 50% da Sociedade Civil, com 72 cadeiras – sendo 25% de gestores municipais, 25% do governo estadual, 25% de conselheiros(as) e 25% para os movimentos sociais e populares.

> Por Alcebino José da Silva (Bino) / Equipe de Colaboradores

> Fotos: Catharina Apolinário

Jovens desenvolvem projeto com foco na utilização de energia limpa e renovável

Caio Vinicius Terassi, Giovanna Parpinelli Dainese e José Renato Evangelista Bezerra, jovens do 3º ano do Ensino Médio da Etec Polivalente de Americana/SP, estão desenvolvendo um projeto para utilizar a energia fotovoltaica na criação de postos de recarga para bicicletas elétricas.

O surgimento do projeto se deu durante as aulas do componente curricular Projeto Técnico-Científico, quando o grupo pesquisava algum tema que abordasse assuntos relacionados à ecologia e sustentabilidade tendo como foco a energia limpa.

O projeto tem como objetivo investigar a possibilidade de construir um posto de reabastecimento para bicicletas elétricas utilizando painéis fotovoltaicos (funcionam com emissão de luz).

O grupo pretende desenvolver um protótipo a partir dos estudos e pesquisas existentes e utilizar-se da eficiência dessa tecno-

logia para promover a redução dos custos de energia bem como reduzir o consumo de combustíveis poluentes.

Para o desenvolvimento do projeto o grupo realizará o levantamento da base teórica conceitual com pesquisa em sites relacionados ao projeto e entrevistas com especialistas no assunto.

A partir desse levantamento teórico, a segunda etapa do projeto é a construção de um protótipo onde o apoio e parceria com Instituições será fundamental. Após o cumprimento das etapas iniciais, pretende-se apresentar o projeto às autoridades locais para que possam analisar a viabilidade de sua implantação.

Conheçam os(as) jovens que são responsáveis pelo projeto:

Giovanna Parpinelli Dainese, 17 anos. Estudante do 3° ano no Ensino Médio e concluindo seu último semestre no Ensino Técnico de Design de Interiores na Etec Polivalente de Americana/SP. Interessa-se em projetos ecológicos e com menor impacto ambiental. Atualmente desenvolve projeto de conclusão de curso com base no tema e busca futuramente ingressar na área de arquitetura, trabalhando no ramo com projetos e materiais mais sustentáveis e modernos.

> Contato: gi_dainese@hotmail.com

Caio Vinicius Terassi, 18 anos. Cursando o 3° ano do Ensino Médio e o 2° semestre de Técnico em Edificações na Etec Polivalente de Americana/SP. Interessa-se por sustentabilidade e através da matéria de Projeto Técnico Cientifico teve a oportunidade de desenvolver um projeto que pudesse ajudar a melhorar o mundo. Atualmente desenvolve projeto de conclusão de curso com base no tema e no futuro deseja se formar em engenharia civil e especializar em estrutura, trabalhando com projetos sustentveis.

> Contato: caioterassi@gmail.com

José Renato Evangelista Bezerra, 16 anos. Atualmente cursando o Ensino Médio junto com o Técnico de Informática na escola Etec Polivalente de Americana/SP. Seu interesse por projetos sustentáveis veio através das circunstâncias em que o mundo se encontra hoje. Atualmente desenvolve projeto de conclusão de curso com base no tema, e futuramente deseja se envolver mais com outros projetos sustentáveis.

> Contato: jre.bezerra_@hotmail.com

> Por Felipe Rodrigues Inacio Oliveira / Equipe de Colaboradores

Educação e juventude: o desafio de compreender suas interfaces

Resumo

O artigo chama a atenção para a presença dos jovens nos Sistemas de Ensino e discute o desafio que os educadores enfrentam para a compreensão dos sentidos culturais da presença destes sujeitos na escola. Apresenta as questões de identidade pessoal e coletiva como processos de interação e conflito. Faz uma crítica aos currículos rígidos e uniformizados das escolas, pontuando que estas ainda não reconhecem as culturas juvenis como possibilidade de inclusão e transformação.

Palavras Chaves: Juventude, Políticas Públicas, Educação.

Abstract

Education and youth: the challenge of understanding its interfaces

The article draws attention to the presence of young people in education and discusses the challenges that educators face in understanding the cultural meanings of the presence of these subjects in school. It presents issues of personal and collective identity as processes of interaction and conflict. It criticizes the rigid and standardized curricula of schools, pointing out that they still do not recognize the possibility of youth cultures as inclusion and transformation.

Keywords: Youth, Public Policy, Education.

As mais variadas inovações de comunicação, cultura e tecnologias afetam globalmente a Educação, fazendo necessário que os sistemas educativos reajam, se adaptam, evoluam e para responder as necessidades socioeconômicas globais. Aliás, o avanço da economia globalizada tem impulsionado o acesso às tecnologias e, portanto, as informações têm circulado de maneira mais democrática e acelerada. De tal forma, as sociedades são confrontadas com rápidas transformações e se tornam mais integradas e exigem mais conhecimentos, ampliado os ambientes educativos, à medida que se confrontam os saberes vivenciados em sala de aula com as atualizações informação e comunicação. Apesar de a maior parte da população está excluída dos equipamentos, da linguagem e das ferramentas do computador, é impossível que essa mesma população seja imune as suas consequências.

Destarte, é cada vez mais importante que as pessoas sejam capazes de resolver os problemas, de mudar, de se adaptar e de refletir sobre si e sobre o mundo de forma crítica. A Educação não pode ser compreendida apenas pela decodificação de símbolos, mas na inserção ética no mundo a fim de transformá-lo.

> “Cada vez com mais frequência, os jovens são convidados a inserir-se nos sistemas educacionais para responder a demanda do mercado que busca por competências e habilidades específicas. Razão pela qual as políticas educacionais vêm reorientando e reformulando conteúdos e forma.

> É uma demanda crescente que visa o desenvolvimento do país.

A despeito disso, o Estado tem apresentado diversos programas de formação e, de readaptação desse grupo nos sistemas escolares. De um lado respondem aos interesses da economicidade quando apresentam como solução turmas de aceleração de série e, por outro, respondem o avanço de escolarização.

Linguagem, comunicação e elementos comunicacionais conformam-se num dos principais eixos da proposta educativa que imprime um caráter de libertação da manipulação e domesticação, permitindo o florescer da capacidade crítico-reflexiva. De tal modo, a incorporação das tecnologias de comunicação permeia a própria ação educativa. Isto implica por sua vez, evidenciar a escola como comunidade de promoção da cidadania, ou seja, o lugar de produção de conhecimento, de leitura e de escrita onde as tecnologias informacionais constituirão elementos dinamizadores, favorecendo o funcionamento progressivo da instituição e da própria cidadania democrática.

Ora, a importância da utilização de novas tecnologias na educação não implica numa aceitação sem que se tracem críticas destes meios. Notadamente, a valorização destes meios como instrumentos educativos, interligam-se com a dependência econômica e com as demandas de mercado, configurando o lugar social do sujeito no mundo do trabalho.

Dada a significância crucial de tecnologias eletrônicas nos tempos modernos, habilitar estudantes para compreenderem e acessarem diferentes opções para utilizar estas tecnologias torna-se uma das principais propostas educacionais. Cremos que, ao tentarmos decifrar as relações dos jovens com as novas tecnologias, podemos estar contribuindo para a construção de novos e inova-

dores projetos pedagógicos, baseando-se na experiência dos jovens.

Mas, que experiências esses jovens carregam em si? O que emerge do encontro entre a Escola e a Juventude? Quem é esse jovem que, mesmo sem o processo de escolarização, domina técnica e mecanicamente as tecnologias da informação?

Para enfrentar estes desafios deveríamos caminhar para a produção de espaços escolares culturalmente significativos que reconheça a multiplicidade das identidades juvenis, histórica e territorialmente situados e impossíveis de conhecer a partir de definições gerais e abstratas. Neste sentido, caminhar para abandonar a pretensão de elaboração de conteúdos únicos e arquiteturas curriculares rigidamente estabelecidas, apostando na realização do inventário permanente das trajetórias de vida e na atenção necessária aos reais interesses e necessidades de aprendizagem e interação desses sujeitos.

Desta forma, a articulação do processo educativo da juventude deixaria de ser visto apenas como escolarização e assumiria toda a radicalidade da noção de diálogo da qual nos fala Paulo Freire.

Esse público traz uma construção autônoma de interações, distanciado das referências institucionais conduzindo os educadores à reflexão sobre sua prática com um olhar para a perspectiva não escolar no estudo da escola. Não se trata, contudo, de negar o planejamento pedagógico (da intenção do plano), mas de praticar a escuta e a atenção que pode nos lançar para o plano dos afetos, das trocas culturais e do compromisso político entre sujeitos de diferentes experiências e idades.

> Almir Basio. Professor da Educação básica no sistema público de Ensino e mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atua na formação e na incidência pela efetivação de Direitos Humanos da Infância e Juventude. Email: almir_basio@hotmail.com

> Foto: Almir Basio

Uma reflexão sobre sociabilidades juvenis e comunidades virtuais

Resumo

O presente artigo tem por objetivo promover uma reflexão acerca da interação dos jovens a partir das redes sociais, bem como um olhar diferenciado sobre os jovens ditos não sociáveis por conta do uso exagerado da internet. A juventude de hoje faz parte de uma geração bastante tecnológica, trazendo muitas vezes o isolamento dos jovens, diminuindo o relacionamento entre familiares e amigos. Sendo assim, este artigo pretende mostrar uma visão diferenciada, aquela em que os jovens são vistos como construtores de sociedades virtuais.

Palavras-Chave: Sociedade. Tecnologia. Juventude.

Abstract

A reflection on youth sociability and virtual communities

The present article is aimed to promote a reflection about youth interactions in social networks, as well as a different view upon the non sociable teens due to overuse of internet. Today's youth is part of a very active technological generation, causing the isolation of the young people most of the times, damaging the relationship between family and friends. This way, this article intends to show a different view, the one in which the young are seen as builders of the on line societies.

Keywords: Society. Technology. Youth.

Introdução

Vivemos em um mundo tecnológico e a Internet se faz presente no cotidiano dos indivíduos. Os sites de relacionamentos estão cada vez mais populares entre as pessoas, principalmente entre os jovens do Brasil. A pesquisa realizada pela CETIC.br (Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação) divulgada no site da UOL, mostra que 70% dos jovens brasileiros com idade entre 9 e 16 anos possuem perfil em alguma rede social, como MSN, Orkut, Facebook, Youtube, blogs e Twitter.

Milhões de pessoas estão conectadas diariamente e é por isso que os jovens devem ser conscientizados a tomarem cada vez mais cuidados com suas atitudes em redes sociais. A exposição excessiva da intimidade é algo que todos devem estar atentos ao criar algum tipo de perfil nessas redes, as consequências de tal exposição são diversas, dependendo das informações que a pessoa fornece.

A internet como meio de comunicação aproxima as pessoas e ao mesmo tempo distancia. Aproximam de pessoas que estão distantes, sentido-as mais próximas e distanciam das pessoas que convivem dentro das mesmas residências. Por isso que muitos dizem que os jovens se isolam "em seu mundo" em frente ao computador por horas, e acabam esquecendo a convivência familiar no mundo real.

A psicóloga Renata Maransaldi na reportagem de Gabriel Machado (2011) relata que "a pessoa é considerada viciada em internet quando deixa de ter vida social para ficar na rede". Mas será mesmo que não existe vida social pra esses jovens? Ou estamos deixando de lado as singularidades de cada um?

Acontece que da mesma forma que esse relacionamento diminui no círculo familiar, aproxima-se de outros relacionamentos, o relacionamento virtual. A maioria dos jovens criam comunidades virtuais e vivenciam um tipo de sociedade diferente, só que com vínculos distantes, criando assim uma cultura digital. Assim como uma criança prefere brincar com crianças e o jovem com alguém de sua idade, o adolescente não foge à regra e se identifica com os adolescentes.

Faz parte da vida dos jovens se aproximarem de outros jovens que comungam de uma mesma linguagem e da mesma forma de perceber as coisas ao seu redor, o que acontece é a procura de conhecimentos comuns, participando assim do grupo de iguais. A psicóloga Rita Lepre (2003) comenta que o encontro dos iguais no mundo dos diferentes é o que caracteriza a formação dos grupos de adolescentes, que se tornarão lugar de livre expressão e de reestruturação de personalidade, ainda que essa fique por algum tempo sendo coletiva.

Essa busca do "eu" nos outros na tentativa de obter uma identidade para o seu ego é o que o psicanalista Erik Erikson chamou de "crise de identidade", o que acarreta angústias, passividade ou revolta, dificuldades de relacionamento inter e intrapessoal, além de conflitos de valores. Não me prolongarei sobre esse assunto porque seria tema para outro artigo.

Nesse relacionamento delicado com o mundo que o circunda o adolescente busca, através do agrupamento, o seu lugar na sociedade. O aparecimento das espinhas, dos pêlos, dos seios, dos músculos; afasta o adolescente daqueles que os conheciam como crianças e os aproxima dos que estão na mesma situação, procurando sentir-se "normais". Fazer parte de um grupo de iguais permite que o adolescente sinta-se aceito, respeitado e valorizado.

Cultura digital

A internet introduziu o ser humano numa cultura digital, e outras revoluções aconteceram a partir dela, como por exemplo, as chamadas redes

sociais, que criaram comunidades virtuais e interativas, permitindo que uma única pessoa pudesse compartilhar seus conhecimentos e até sua intimidade com milhares de pessoas ao mesmo tempo.

Corroborando com Gabriel Machado (2011), com a invenção da internet, entramos na chamada "cultura digital", ou seja, um mundo novo com novas formas de se comunicar e relacionar, tudo isso proposto por novas tecnologias que avançam tão rapidamente como a própria velocidade da rede.

Segundo Henrique Munhos (2009), o professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, Sergio Dassie, dá uma explicação para o sucesso das redes sociais. "O ser humano em geral vive uma crise, não sabendo o papel dele na sociedade. Por isso, ele usa esses sites para se confirmar e expandir horizontes".

Esses tipos de sites possibilitam conhecer novas pessoas, reativar antigas amizades e começar novos relacionamentos. (MUNHOS, 2009, s/p). De acordo com essa temática, Gabriel de Oliveira (2012) ressalta:

> "Com espaços mais globais de socialização, a amplitude dos relacionamentos também se alargou. Significa que nunca uma só pessoa acumulou tantos **laços sociais** como atualmente. Com um grande número de laços, as mensagens de comunicação também ganharam uma velocidade de se espalhar nunca antes vista. (OLIVEIRA, 2012, s/p).

É justamente isso que acontece entre jovens, dentro de uma cultura digital agora existente, eles criam comunidades virtuais, fazendo surgir novos relacionamentos conhecidos como amigos virtuais, numa sociedade que cresce a cada instante, na velocidade de um click.

Considerações finais

Em meio a uma sociedade tecnológica, os jovens podem até diminuir a comunicação entre os membros da família, mas com certeza, há alguma forma de relação familiar diferente que só eles sabem fazer a seu modo, mas não deixa de ser um laço existente.

Esse distanciamento da família tem a ver com a separação que se dá de forma progressiva com os pais, podendo ser problemas relacionados com a ambivalência dos adolescentes entre situações de dependência e independência, de permissividade ou autoritarismo dos pais para com os filhos. Essa separação progressiva dos pais será mediada por ídolos, heróis, e a procura do grupo de iguais.

A separação progressiva dos pais, que faz parte do processo de individualização e independência do indivíduo, é um processo interno e não significa necessariamente afastamento físico. O jovem desconsidera todas as verdades aprendidas até então, para descobrir sua própria verdade. O grupo de amigos, a turma que aparece nessa época é muito necessária e funciona como ponte entre a família e o laço social.

Enquanto aumenta os laços virtuais, ocorre o aparecimento de novas amizades, o reencontro de antigos amigos, a forma diferenciada de se comunicar, fazendo surgir as sociabilidades juvenis. Os grupos virtuais organizam-se, marcam encontros pela internet, a qualquer hora do dia, em qualquer dia de semana. A relação de uma forma ou de outra se torna mais próxima.

Contudo, não podemos dizer que os jovens de

hoje 'não possuem vida social', possuem sim, só que de um jeito que só eles sabem. Ficar conectado não elimina a hipótese de ter uma vida social, pois comunidades virtuais não deixam de ser uma forma de relacionar-se, existem de qualquer maneira laços envolvidos, só que de uma forma tecnológica e rápida.

Referências bibliográficas

LEPRE, Rita (2003). ***Adolescência e construção da identidade.*** Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=395> Publicado em: 11/02/03. Acesso em: 03/01/13.

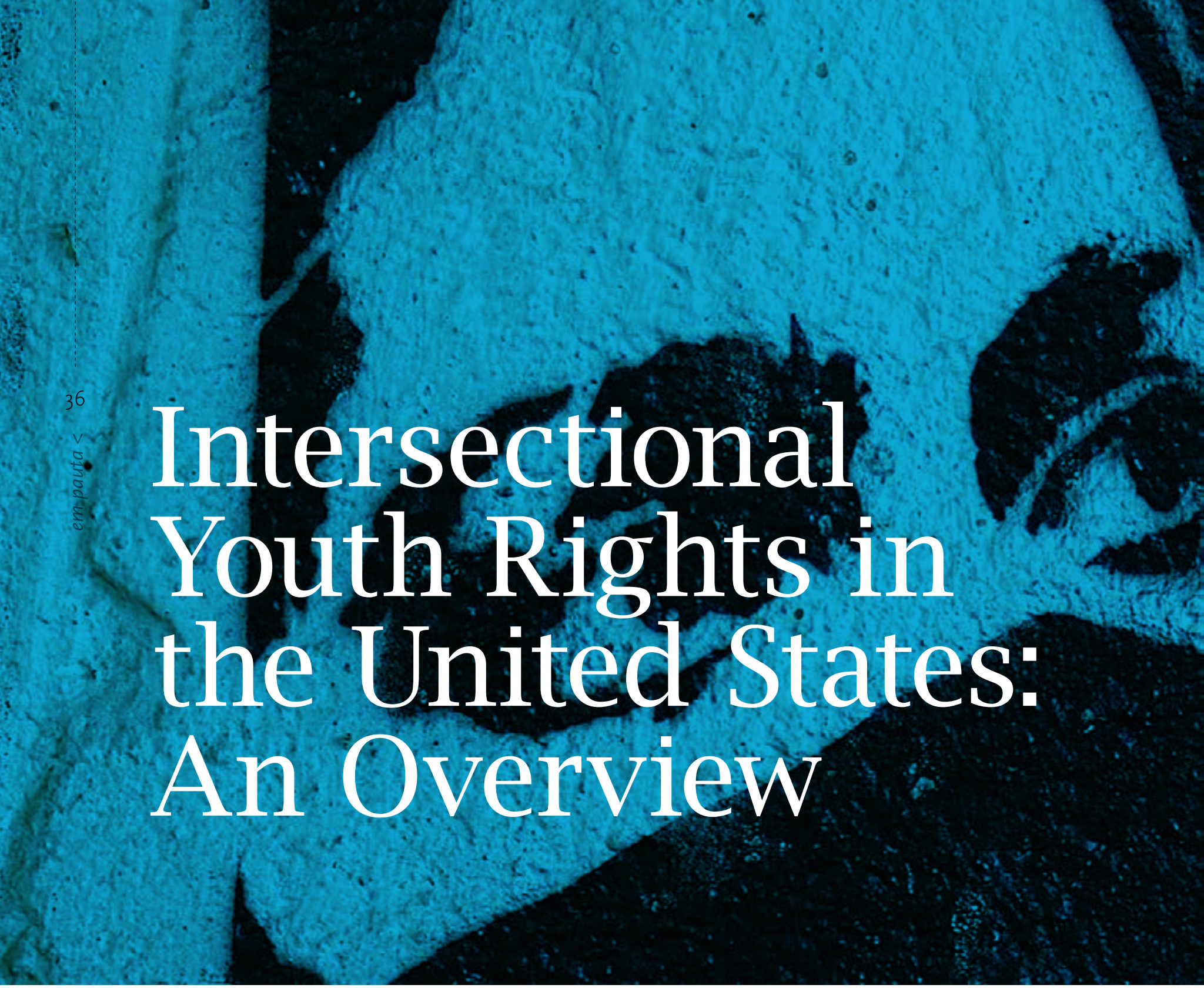
MACHADO, Gabriel (2011). ***O impacto da cultura digital em nossas vidas.*** Disponível em: <http://destrave.cancaonova.com/cultura-digital/> Acesso em: 28/12/12.

MONHOS, Henrique (2009). ***Redes sociais dão visibilidades aos jovens.*** Espaço Cidadania. Edição 69. Disponível em: <http://www.metodista.br/cidadania/numero-69/redes-sociais-dao-visibilidade-aos-jovens/> Publicado em: Abril de 2009. Acesso em 25/12/12.

OLIVEIRA, de Gabriel (2012). ***Limites e benefícios das redes sociais para crianças e adolescentes.*** Disponível em: <http://wgabriel.net/2012/05/25/limites-e-beneficios-das-redes-sociais-para-criancas-e-adolescentes/> Publicado em: 25/05/12. Acesso em: 28/12/12.

UOL. ***Jovens do Brasil usam mais redes sociais do que adolescentes europeus.*** Disponível em:< http://idgnow.uol.com.br/internet/2012/10/02/jovens-do-brasil-usam-mais-redes-sociais-do-que-adolescentes-europeus/> Publicado em: 02/10/12. Acesso em: 18/12/12.

> Hérika Silva das Chagas. Estudante do curso de Psicologia, Favip/Caruaru/PE. Email: herika_pink@hotmail.com



Intersectional Youth Rights in the United States: An Overview

Abstract

This article discusses the rights of youth in the United States with regards to a few of their intersectional identities: sexual orientation, gender, and ethnicity/class status—especially in comparison to their adult oppressors.

Keywords: Youth rights, LGBT, women, class, ethnicity

Resumo

Direitos Intersetoriais da Juventude nos Estados Unidos: Uma Visão Geral

Este artigo discute os direitos dos jovens nos Estados Unidos com relação a algumas de suas identidades intersetoriais: a orientação sexual, gênero e etnia/classe social, especialmente em comparação com os seus opressores adultos.

Palavras-chave: Direitos da Juventude, LGBT, mulheres, classe, etnia

If you were around a few decades ago, would you have supported the civil rights of Black people, women, or LGBT people? If you've thought about that before, it was probably as a hypothetical question, since you'll never be able to go back in time before any of those rights struggles began to see what's stronger: your conviction for equality, or the prejudices of your culture. It actually doesn't need to be a hypothetical, though, because there's oppression going on right now all around you that's as pervasive and important as the oppression that occurred for Black people, women, and LGBT people. You get to decide whether to be ahead of your time or to give into the current cultural prejudices. Currently, young people are facing most of the same inequalities and oppressions that Black people, women, and LGBT people faced in the past. They can't vote, sign contracts for loans or leases, donate to political campaigns, run for office, work a full-time job, work most part-time jobs, educate themselves in the way they want to, drive, join the military, drink alcohol, or even go to the mall if their mom wants them to go Tupperware shopping with her instead. And all of those inequalities have serious consequences. If you want to know whether you'd be marching with Susan B. Anthony or trying to block the Little Rock Nine from getting into a majority White school, consider how closely past struggles resemble the one for youth equality today.

Youth and lgbt rights

A fellow National Youth Rights Association board member wrote an article for the queer--friendly blog ***The Bilerico Project*** opining that we can never have LGBT equality until we have youth equality. She offered some hard to refute examples in her article; pointing out that many gay teenagers are kicked out of their homes when they come out to their families, and since they're forced to go to schools for seven hours every day to learn about things like cellular mitosis and Shakespeare, they're unable to find work to support themselves, which leaves them homeless in many cases. Often, queer youth find that prostitution is the only way they can support themselves, because the child labor laws, contract laws, the youth military ban, and compulsory schooling laws leave queer youth unable to build any sort of reasonably happy independence. My colleague also noted that LGBT rights advocates are outraged over the way gay youth are often treated by their peers. We've all heard how the mistreatment and bullying can lead to suicide, but those same advocates often support compulsory schooling laws that force those students to stay in the toxic schools and to live in the toxic neighborhoods that their parents have chosen. The antidote to so much LGBT youth mistreatment is to give all youth the choice of where and how to live their lives, rather than for the government to demand that 100% of youth live their lives in one particular way, even if that way may be so harmful that it drives those youth to literal self-destruction.[1]

If you think that the ways that LGBT people are treated under the law is unfair or oppressive, you should acknowledge that young people don't get any of the rights that LGBT people have been fighting to get for over two decades. Same-sex marriage rights are the holy grail of most LGBT rights activists, but those same rights aren't extended to young people. Some folks might argue that youth matrimony would only result in youth divorce, but they should remember not only to mind their own business, but that over forty percent of the marriages entered into by the people our society arbitrarily defines as "adults" end up in divorce. In fact, the marriages of 'lovebirds' under age twenty are nearly twice as likely to last than the marriages of those twenty-five to twenty-nine and are almost just as likely to survive as those age thirty to thirty-four.[2] LGBT

people recently got the right to join the military without having to worry about discharge because of their sexual orientation, but youth still don't have the right to join the military. The National Youth Rights Association's office is only a few blocks away from Washington, D.C.'s Farragut Square, a park named after David Farragut who was charged with the task of capturing enemy ships in the War of 1812 at the age of twelve. David is famous for his participation in the Civil War, but while he was only twelve, he helped capture the HMS Alert and helped establish America's first naval base in the Pacific.[3] The right to fight is an important one, but the right to another f-word is an important right also. Until the 2003 Supreme Court case Lawrence v. Texas, LGBT people weren't allowed to have sex with each other in several states (unless you're imagining lesbians and gay men doing it with each other, but I wouldn't want to). The Supreme Court ruled that LGBT people had a constitutional right to privacy when it came to getting it on, but there's no reason that same right shouldn't extend to young people.[4] If you're thinking that constitutional rights don't extend to persons under age eighteen, consider Supreme Court case Planned Parenthood v. Danforth in which the court says, "Constitutional rights do not mature and come into being magically only when one attains the state-defined age of majority."[5] Statutory rape laws that are meant to protect young people only tend to just trap them in a convoluted system of Legalese, like when 17-year-old Genarlow Wilson was famously charged with a ten-year prison sentence for receiving oral sex from a 15-year-old girl.[6] Child pornography laws are helpful when youth are forced into the sex industry against their will, but when youth consent is not considered, those laws can trap youth too, such as when consensually sexting high schoolers are charged with child pornography.[7] In most states, the law attempts to buck nature itself by banning sex for all young people until they reach a certain age.[8] Many of the main areas of oppression that LGBT people have faced historically are faced by young people right now. Which side are you on?

Youth and women's rights

I often say that if you study the oppression of women and the oppression of young people, you might come to the conclusion that we just took the way we treated women and tried it all over again with youth. Just as youth rights are queer rights, youth rights are women's rights. Consider the fact that in some states, because a parent has medical rights over their offspring, parents can force a seventeen-year-old to either have an abortion or even to have a baby that they'll be responsible for over the next eighteen years. This has actually happened.[9] Sixteen year old girls are also the most likely to run away from home.[10] If they were just allowed to live their lives independently and make their own decisions in the first place, the awful consequences of running away would never happen to those young women.

Women's rights activist Susan B. Anthony said that "Independence is happiness," but she also said that "Suffrage is the pivotal right,"[11] a right that young people don't have. They can't vote for their representatives even while said representatives rack up debt that tomorrow's youth will have to pay off. There's an exhausting list of laws that harm young people that wouldn't exist if youth were allowed to vote. For instance, politicians in Manning, South Carolina passed a youth curfew to combat a string of murders from a 37-year-old suspect.[12] The ability to vote is one of the most important rights, but like so many women of the last few centuries, if you aren't able to work for money, you're going to be dependent on someone else.

Women were similarily tied to their husbands, even when they beat them and mistreated them. Youth are likewise forced to do whatever their parents tell them, even if their parents are abusive, drunks, or just stupid. Child labor laws and compulsory schooling laws make it nearly impossible for young people to work for their independence. Although it was nominally illegal in the past, husbands physically abused women—and some still do today. And for so many reasons, many young people are abused also, and there are often no consequences for the abusers. As many as nine out of ten child abuse and neglect cases go unreported.[13] Because most moms and dads don't look like the typical criminal, and since many people actually support physically disciplining young people, many child abusers are acquitted.[14] Once again, the same oppressions that women faced are faced by youth today.

Youth and ethnic/class rights

African-Americans have been denied most, if not all, of the rights women and LGBT people have been denied, and many more. One of the major ways they were discriminated against is the way they were segregated from the majority of society during the Jim Crow era, and even still today in many regards. For example, poor African-Americans are terribly crippled by the schooling system. While their middle-class counterparts are far more likely to stay in school, poor Black youth with little hope of upward mobility and a constant struggle to survive often don't have the luxury to read Homer's ***The Odyssey*** or sit in a classroom listening to a lecture about Genghis Khan. Living in an impoverished neighborhood is the main reason why just 76% of poor Black students graduate high school by the time they're 20, compared to 96% of Black youth in more well-to-do neighborhoods.[15] In a world where every person was responsible for educating themselves with non-profit schools, private schools, free or for-profit online schools, internships, books, videos, apprenticeships, just plain experience, or however they chose, every person could learn the material they wanted to learn and specialize in one area, rather than for all people to take uniform courses that they are uninterested in, which really equates to less money in the household for little benefit for many poor Black youth. You might be concerned that people wouldn't choose to educate themselves if they had a choice, but you'd be concerned for no good reason. A model of schooling called the Sudbury model, in which teachers are disallowed from teaching anything the students don't ask to learn, exists in schools all over the world. I visited one such school in Maryland and heard about a seven-year-old that was proficient in Algebra, young students eager to learn to read from older students, and kids could learn about their own areas of interest—like African drumming. If one were to argue against the model in regards to the level of knowledge after a student's transfer to a traditional coercive school, one would only need to look at Mark McCaig's ***Like Water***, which shows that students were better adjusted socially and excelled academically.[16] Albert Einstein, who loathed and actually failed the state schooling system, was right when he said, "It is a miracle that curiosity survives formal education."[17] If you care about dropout factories, you should want to abolish the system that makes them possible.

If you think youth are incompetent, it's probably because you don't know any very well. Youth are locked away in compulsory schools during the day, locked away in houses at night by curfew laws, and aren't able to join most companies, boards, or governmental bodies in any significant way. (Fun fact: Compulsory schools suck up 5.7% of our country's GDP without producing anything for the economy, an entire percentage point more

than we spend on the military actually[18]) Youth are segregated from society, and that segregation is ingrained in our culture—from slavery and Jim Crow with African Americans to internment camps during World War II and the Chinese Exclusion Act with Japanese and Chinese people. In addition, youth are even expected to speak to "adults" with an amount of deference that further solidifies their place in the hegemony along age lines—a forced respect, as it were!

The ways that youth are oppressed are numerous. Dr. Robert Epstein, author of ***The Case Against Adolescence*** and former editor-in-chief of ***Psychology Today*** magazine, reports that young people are subject to ten times as many restrictions as their so-called "adult" counterparts and even are subjected to twice as many restrictions as U.S. Marines and incarcerated felons.[19] Another study he conducted with his colleague Diane Dumas tells us that teens are just as competent as their elder counterparts on average and that many young people are even more competent than the average "adult."[20] And as big of a surprise as it may be, some "adults" are less competent than the average "child," even though they're allowed all of their civil rights. Some of the most heinous oppressions that LGBT people, women, and African-Americans faced before their respective rights struggles are experienced by youth today. Now, it's your chance to show what side of history you would be on if those oppressions were occurring today because they are occurring today. Hopefully, you choose the side of equality.

References

[1] O' Neal, Kathleen. "Ageism is an LGBT Issue." Bilerico Project. N.p., 9 Aug. 2011. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.bilerico.com/2011/08/ageism_is_an_lgbt_issue.php>.

[2] Kensington, Ph. D., Emily. "The Current Divorce Rate." Tips for Marriage. N.p., n.d. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.tips-for-marriage.com/current--divorce-rate.html>.

[3] "David Farragut." Encyclopedia Britannica. Encyclopedia Britannica, n.d. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/202099/David-Farragut>.

[4] Kennedy,. Legal Information Institute. Cornell University Law School, n.d. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.law.cornell.edu/supct/html/02-102.ZS.html>.

[5]Young, Thomas W. "Juvenile Law 101." ***ABA***. American Bar Association, n.d. Web. 9 Feb. 2012. <http://apps.americanbar.org/litigation/committees/childrights/content/articles/article_juv101.html>.

[6] "Genarlow Wilson: Plea deal would have left me without a home." CNN International. CNN, 29 Oct. 2011. Web. 8 Feb. 2012. <http://edition.cnn.com/2007/US/law/10/29/wilson.released/>.

[7] "'Sexting' Leads to Child Porn Charges for Teens." CBSNews. CBS, 27 July 2010. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.cbsnews.com/stories/2010/06/05/eveningnews/main6552438.shtml>

[8] "Teens, Sex and the Law." Averting HIV&AIDS. Avert, n.d. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.avert.org/teens-sex-law.htm>.

[9] "Teenage Women, Abortion and the Law." ***Pro-choice***. National Abortion Federation, 2003. Web. 9 Feb. 2012. <http://www.prochoice.org/about_abortion/facts/teenage_women.html>.

[10] "Questions and Answers." 1800runaway. National Runaway Switchboard, n.d. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.1800runaway.org/faq/#18>.

[11] Lewis, Jone. "Susan B. Anthony Quotes." About. N.p., n.d. Web. 8 Feb. 2012. <http://womenshistory.about.com/cs/quotes/a/qu_s_b_anthony.htm>.

[12] "Curfew FAQ." NYRA. National Youth Rights Association, n.d. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.youthrights.org/curfewfaq.php>.

[13] Sharples, Tiffany. "Study: Most Child Abuse Goes Unreported." ***TimeHealth***. Time Magazine, 2 Dec. 2008. Web. 9 Feb. 2012. <http://www.time.com/time/health/article/0,8599,1863650,00.html>.

[14] Lauridson, M.D., James R. "Visual Presentation of Medical Evidence." Dontshake. National Center on Shaken Baby Syndrome, n.d. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.dontshake.org/sbs.php?topNavID=3&subNavID=28&navID=116>.

[15] Burns, Melinda. "Poor Neighborhoods Mean Fewer High School Grads." Miller-McCune. N.p., 20 Oct. 2011. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.miller-mccune.com/education/poor-neighborhoods--mean-fewer-high-school-grads-37159/>.

[16] McCaig, Mark. ***Like Water***. N.p.: Fairhaven School Press, 2008. Print.

[17] Gatto, John T. ***Underground History of American Education***. 2nd ed. N.p.: Odyssey Group, 2000. Print.

[18] "Education spending (% of GDP) (most recent) by country." NationMaster. NationMaster, n.d. Web. 8 Feb. 2012. <http://www.nationmaster.com/graph/edu_edu_spe-education-spending-of-gdp>.

[19] Epstein, Ph.D., Robert. "The Myth of the Teen Brain." Scientific American Mind : 57-64. Web. 8 Feb. 2012.

[20] Epstein, Ph.D., Robert. "Adolescence & Adultness." DrRobertEpstein. N.p., n.d. Web. 8 Feb. 2012. <http://drrobertepstein.com/index.php?option=content&task=view&id=10&Itemid=29>.

Photo: Sage Nenyue

> Nigel Jones. Studies Sociology and Anthropology with a minor in Women, Gender and Sexuality in Georgia State University. Email: **njones@youthrights.org**

Do uso para o consumo de drogas em tempos hipermodernos: o que faz a juventude?

Resumo

O uso de drogas acontece desde os tempos mais remotos e diversas culturas associadas ou não as práticas ritualísticas e religiosas. Porém o uso de substâncias psicoativas tornou-se mais comum e assume outras características na modernidade associadas ao imperativo do prazer. A juventude se passa a ter uma identidade cultural sujeita ao consumo. O objetivo deste trabalho é realizar algumas reflexões acerca do uso de drogas na juventude em tempos de hipercosumismo.

Palavras chaves: drogas; juventude; consumo.

Abstract

From use to drug consumption in hypermodern times: what are youth to do?

Drug use has been happening since ancient times and different cultures sometimes associated it with religious and ritualistic practices. But substance use has become more common and assumes other features associated with the modern imperative of pleasure. The youth have a cultural identity subject to consumption. The objective of this work is to reflect on some thoughts about drug use in youth culture in these times of hyperconsumption.

Keywords: drugs; youth; consumption.

Introduzindo a questão

As drogas são substâncias, não produzidas pelo organismo, capazes de provocar alterações no sistema nervoso central causando modificações nos demais sistemas. São chamadas drogas psicotrópicas as que têm sua atuação diretamente voltadas para as alterações do psiquismo, ou seja, tem poder de transformar as funções psicológicas da atenção, orientação, pensamento, razão ou juízo de valor, sentimento, memória, etc, modificando seu estado normal.

Alguns estudos apontam que a juventude é uma fase marcada por insegurança, inconsequência, crise e pelo abuso de drogas, o que faz do jovem um problema social. Muito embora as Nações Unidas definam a juventude entre 15 e 29 anos, esta delimitação de idade é insuficiente para conter a diversidade de carismas que sugere algumas tensões da ordem sociológica. Será que todo sujeito que se considera jovem está nesta faixa etária? O que dizer aqueles que estão e se acham adultos? A delimitação das fases do desenvolvimento, infância, juventude, adultidade e velhice, encerram questões sociológicas e subjetivas que este trabalho não se propõe a estudar.

O que podemos pensar é que a invenção destas fases e o estabelecimento de perfis e características de cada uma é fruto de modernidade. Os tempos mudaram e com eles o modo de perceber a vida. A partir da revolução tecnológica se estabeleceu normatizações para o desenvolvimento, a existência ganhou períodos e a juventude ficou associada às mudanças de comportamentos que implicam diretamente na realidade social.

Este trabalho tem o objetivo de trazer reflexões acerca do modo como a juventude faz uso de drogas na modernidade, partindo de um tempo de uso para um tempo do consumo de drogas.

Um pouco da história

As drogas podem ser classificadas como depressoras, por causarem diminuição da atividade mental, consequentemente, motora provocando sonolência. Entre elas estão o álcool, os barbitúricos e os benzodiazepínicos. As drogas estimulantes são capazes de aumentar a atividade cerebral causando insônia, aumentando o estado de alerta e acelerando os processos psíquicos e motores. Por último temos as perturbadoras compotas por substâncias que alteram principalmente o juízo de valor e o pensamento, tendo como efeito a aparição de delírios e alucinações (BRASIL 2011).

Esta classificação, realizada através da composição química da droga e do seu efeito no organismo, está associada a estudos relativamente recentes, tendo em vista que o uso de substâncias psicoativas vem desde os tempos mais remotos.

Segundo Sanchez, (1982) o uso de drogas está, vinculado a rituais religiosos nos quais o xamã, líder espiritual, detinha a posse da droga, os meios de sua obtenção e conhecia suas propriedades. Ele a usava para abrir os canais de contado com os espíritos. Estas substâncias faziam parte da cultura do sagrado, envolvidas por uma aura mística e socialmente aceitas pelas tribos e clãs que faziam um uso de acordo com o que culturalmente estava estabelecido. Para os hindus a canabis (maconha) teria sido presente dos deuses, capaz de abastecer o homem de coragem e prazer, além de lhe dá estímulos sexuais (SILVA, 2005).

As festas, comemoradas em diversas culturas, eram regadas a bebidas e drogas de outras naturezas. Entre os índios mexicanos a mescalina era usada não apenas em festas religiosas, ela estava presente nas festas profanas cumprindo a função de substância facilitadora da integração entre os membros da tribo (SANCHEZ, 1982).

O tabaco, originário do continente americano, foi utilizado no século XVI pelos europeus com propriedades medicamentosas. Porém algumas publicações associavam o uso da erva com complicações clínicas e os governantes foram proibindo seu uso, até que no século XVIII os cientistas

relataram sua relação com o câncer de boca, lábio e mucosa nasal (SILVA, 2005).

A cocaína é uma das drogas mais antigas da história. Na mitologia incaica deu poderes ao homem para vencer o deus maligno dos Incas e ao mascar as folhas de coca os humanos não teriam fome nem fadiga (SILVA, 2005).

Nos séculos XVIII e XIX foram descobertas as propriedades terapêuticas e anestésicas do álcool e da cocaína sendo utilizadas para tratamentos de saúde. As drogas passam a ser comercializadas em forma de medicamentos e tornaram-se popular não mais fazendo parte de rituais religiosos e festas profanas, muito embora com o avanço da medicina e o monitoramento do tratamento foram aparecendo os sintomas colaterais.

A partir dai a legalidade dos tóxicos passou a ser contestada. A experiência do uso de substâncias psicoativas ligadas a busca de sensações diferentes, a obtenção do estado alterado de consciência, tornou-se um rito dos guetos, a droga passou a fazer parte de um mercado paralelo e ilegal, demandando o Estado políticas públicas de segurança nacional de combate ao narcotráfico. Em meio a isto, aconteceram diversos fenômenos sociais, modernização da indústria, a urbanização, a produção em massa, a ascensão e consolidação do capitalismo como sistema político e financeiro, a queda dos estados socialistas o aparecimento da moda e sua mutabilidade, favorecem a derrocada de antigos paradigmas.

A invenção da hipermodernidade e a sociedade de consumo

No seio familiar as transformações foram cada vez mais intensas e significativas. Um caleidoscópio de relações foi se montando e o modelo patriarcal, nuclear deu lugar a uma família diversificada formada por membros oriundos de outras famílias. Surgiram as famílias monoparentais, as famílias recompostas, as formadas por casais homossexuais, ou seja, novas configurações familiares características de uma sociedade em constante transformação, uma sociedade moderna.

O moderno tornou-se sinônimo de atual, de um tempo passageiro, um tempo no qual as coisas aparecem e desaparecem, que caem em desuso. A modernidade inaugura um tempo de coisificação das relações, de uma efemeridade e frouxidão dos laços sociais. Para Bauman (2004) estamos em uma sociedade líquida na qual, há o império da fluidez dos vínculos, do medo de se relacionar permanentemente, da existência de uma tensão e da inaptidão da capacidade de estar ligado a alguém. A individualização é a marca da sociedade na qual os objetivos e metas coletivas cedem espaço para os projetos singulares e privados. As relações tornaram-se produtos de consumo sendo necessário diluí-las para que possam ser consumidas.

Não encontramos mais as certezas ideológicas do passado, as lutas e a militância que se organizava e se mobilizava coletivamente ficou desacreditada. O que vemos na modernidade é a privatização da vida, das relações, do lazer e dos espaços sociais. A violência é apontada por Costa (2004) como um fenômeno contemporâneo disparador de mudanças nesta organização social. Em nome da segurança o homem se isola cada vez mais, constrói espaços particulares nos quais tenta se proteger das múltiplas ameaças desta mesma modernidade sejam elas; a violência urbana, os desastres nucleares, as tempestades e terremotos ou o terrorismo. A insegurança se espalha e o projeto de felicidade proposto pela ciência do século XIX e início do século XX decreta falência, agora o homem se vê jogado a própria sorte. A proteção da violência se torna um produto a ser consumido, pois já não é mais garantida pelo Estado.

O que resta ao homem é criar estratégias para sobreviver nesta sociedade mutante e ameaçadora na qual há um imperativo para o consumo. Para

Arendt (apud Costa 2004) a era da industrialização propiciou uma significativa mudança na ordem das coisas e nos valores que atribuímos aos produtos. Saímos da era do ***homo faber*** para o ***homo labors*** e com esta mudança de organização as coisas são fabricadas para serem consumidas e não usadas. O homem consome para ser feliz, pois houve uma sujeição da utilidade para o princípio de felicidade, sendo assim, o prazer é o móvel do consumo.

Por sua vez Baudrillard (apud Costa 2004) salienta que não é possível mais sentir prazer ao consumir tendo em vista que o gozo tornou-se institucionalizado e não é mais um direito do homem, é um dever de cidadão. Há uma obrigatoriedade no consumo, portanto ele deixa de ser uma tarefa prazerosa, para estar ligada a insatisfação psicológica e uma instabilidade emocional. O consumo representa a fuga psicológica diante do vazio encontrado na existência. Ainda segundo este autor, o consumo está a serviço de uma igualitaridade da sociedade proporcionando uma generalização daquilo que é particular, ou seja, as diferenças se diluem em detrimento de uma similitude cada vez mais numerosa. Estamos na lógica da produção maciça de subjetividade e os sujeitos estão cada vez mais parecidos.

Contrariando esta visão Lipovetsky (2004) situa o hiperconsumo segundo uma lógica emotiva sim, porém hedonista na qual o homem consume antes de tudo para sentir prazer. O que ele chama de hiperconsumo se explica porque vivemos em tempos hipermodernos caracterizados pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade como nunca havíamos vivido na modernidade. Completa ainda dizendo que "[...] nada mais falso do que pensar que ele, reduzindo os indivíduos ao papel de consumidores, favoreça uma homogeneização social" (LIPOVETSKY 2004, p. 36).

No hiperconsumismo os sujeitos se diferenciam ainda mais, a moda dita a tendência ao mesmo tempo em que instiga a novidade, as semelhanças são superadas pela necessidade de criação, o dinamismo e a flexibilidade abrem os caminhos para a produção do novo que não cessa de ser desejado e consumido.

A juventude nos tempos de drogadição

Segundo Melucci (1992) a juventude é uma fase do desenvolvimento humano, inventada pelos adultos, e marcada pelo desejo de compartilhar experiências sociais, vivências em grupos que correspondam à um ***eu*** de relação que se insere na contemporaneidade pela flexibilidade. Não poucas vezes a juventude foi citada como uma fase de instabilidade, irracionalidade, marcada pelo uso abusivo de drogas, de criminalização, delinquência e irresponsabilidade. Os jovens eram tidos como sujeitos anárquicos e anormais.

Para Groppo (2010) a partir da década de 1970 esta associação ente juventude e delinquência foi perdendo espaço para uma concepção mais radicalizada, embasada em experiência real, construída através de uma leitura socio-histórica. A juventude passa a ter uma identidade a partir dos produtos de consumo e de atitudes conduzidas pela própria sociedade de consumo. Abre-se espaço para a flexibilidade na sociedade de consumo, mas ao mesmo tempo esta sociedade diz o que deve ser consumido.

Os jovens começam a criar estilos de vida próprios na medida em que se afirmam como sujeitos diferentes dos padrões sociais. Ao mesmo tempo podemos pensar que não foi necessariamente a criação de estilos de vida, mas o olhar sobre a juventude que mudou, deixamos de vê os jovens associados a imagem de criminalidade e irresponsabilidade. Neste momento "A juventude torna-se uma parte da vida humana que constitui uma identidade cultural própria, muito mais que uma fase passageira" (GROPPO 2010, p.14).

Uma juventude inserida na sociedade de consumo, configurada por uma identidade cultural mar-

cada pela grupalidade na qual o acesso a determinados bens dita uma homogeneização que se faz cada vez mais presente. As roupas de marca, os celulares de alta tecnologia e as drogas compõem os objetos de consumo representativos de um imaginário social associado a ***status*** ao mesmo tempo em que intensificam o hedonismo pelo consumo.

O imperativo do consumo marca de tal forma os tempos hipermodernos que saímos de um tempo em que fazíamos uso de drogas, para um tempo no qual consumimos drogas. Não é mais suficiente experimentar ou fazer uso esporádico de drogas é preciso consumir, seja porque está na moda ou porque a efemeridade das relações, dos vínculos, os prazeres imediatos e frequentes estão ocupando o lugar simbólico da falta. Ou seja, não é mais necessário conviver com a falta ela pode ser substituída pelo consumo.

Outras considerações

Diante deste contexto, muito mais pertinente do que afirmar quaisquer dados estatísticos a respeito do uso de drogas na juventude, queremos pontuar que o consumo de drogas está inserido em uma política mercadológica na qual se faz apologia ao consumo. Se os jovens das classes desfavorecidas não tem acesso aos bens de consumo o que lhes resta são as drogas, elas são de fato o resto dos produtos à serem consumidos. Os jovens de classe média e alta não recorrem às drogas como objetos de consumo substitutos daqueles que já não mais oferecem o mesmo prazer. Há uma lacuna a ser preenchida e a droga se imiscui compondo o objeto de prazer deste hiperconsumo.

Muito mais do que questionar o uso de drogas precisamos pensar nos tempos de consumo e na implicação que estes tempos têm na construção de subjetividades. A juventude não é uma fase anormal do desenvolvimento, a identidade cultural que assume não pode ser pensada separada dos imperativos de prazer de uma sociedade hipermoderna que aprendeu viver com o gozo a qualquer custo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. ***Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.*** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRASIL, ***Prevenção ao uso indevido de drogas : Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias.*** – 4. ed. – Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD, 2011

COSTA, Jurandir Freire. ***O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.*** Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GROPPO, Luiz Antonio. ***Condição juvenil e modelos contemporâneos.*** Ultima Década Nº33, Cidpa Valparaíso, Diciembre 2010, Pp. 11-26

MELUCCI, Alberto. ***A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas.*** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. ***Os tempos hipermodernos.*** – São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

SANCHEZ, Amauri M. ***Tonucci. Drogas e drogados: o indivíduo, a família e sociedade.*** São Paulo: EPU, 1982.

SILVA, Gilberto Lúcio. ***Contextos e controles: uma perspectiva antropológica do consumo de drogas***. In: Coação ou co-ação: diálogo entre justiça e saúde no contato com usuários de drogas. Org. Gilberto Lúcio Silva. – Recife: Bagaço, 2005

> Éllcio Ricardo de Melo Farias. Psicólogo. Pós Graduando em Psicologia Social e Comunitária/Faculdade Frassinetti do Recife e Residente do Programa de Residência Multiprofissional de Interioriorização à Saúde – UFPE. Email: ellcioricardo@hotmail.com

Tecno-Sociabilidades Juvenis

Quais são as redes sociais que mais utiliza?

>> No momento utilizo o facebook, porque o Orkut já era.

Costuma ficar quantas horas conectado?

>> Mais ou menos de 3 a 4 horas por dia.

Quais sites costuma visitar na net?

>> Gosto de navegar em sites de automóveis e também de vídeos do youtube sobre automóveis e musicas.

Seus amigos na maioria fazem parte das redes?

>> Praticamente todos, é difícil um brother não ter acesso às redes.

Seus pais costumam monitorar seu acesso na rede?

>> Meus pais sempre me alertam para eu evitar os conteúdos violentos.

Em sua escola como os professores trabalham as mídias (celular, facebook, Orkut), é permitido em quais situações? Ou não é permitido?

>> Na minha escola os professores utilizam a metodologia de pesquisa supervisionada na sala de informática, não é permitido o acesso às redes sociais durante estas atividades.

Você costuma utilizar a internet para pesquisa escolares?

>> Sim, porém temos que colocar as fontes bibliográficas e alguns professores exige que os trabalhos sejam entregues por escrito.

Como você definiria o uso consciente da tecnologia na sociedade?

>> Ah, nem sei explicar o uso consciente, mas penso que o cara deve respeitar o espaço do outro e ter cuidado ao acessar sites que seja confiável ou que traga algo de bom para si e a sociedade.

Você passa mais tempo em frente ao computador, ou separa parte do seu tempo para outros entretenimento como jogar bola, bater papo com os amigos nas praças, dialogar com a família, paquerar, estudar, dentre outros?

>> De manhã vou à escola, à tarde quando pinta algum trabalho vou ganhar uma grana, depois entro na net e fico por algum tempo, a noite saio para bater papo com os colegas na rua, de vez em quando vou a academia. Muitas vezes fico online com os colegas até mais ou menos umas onze e meia da noite.

Você considera que as mídias oferecem perigo? Como você se resguarda para não sofrer qualquer tipo de dano causado pelo acesso constante na rede?

>> Perigo tem, mas é preciso ter cuidado não adicionar pessoas estranhas em suas redes sociais, não ficar contando sua vida: hora que sai e chega, onde vai com a família, o que comprou. Penso que não devemos expor nossa vida pessoal nas redes de forma muito intensa.

Nome: Murillo Gabriel A. Pontes.

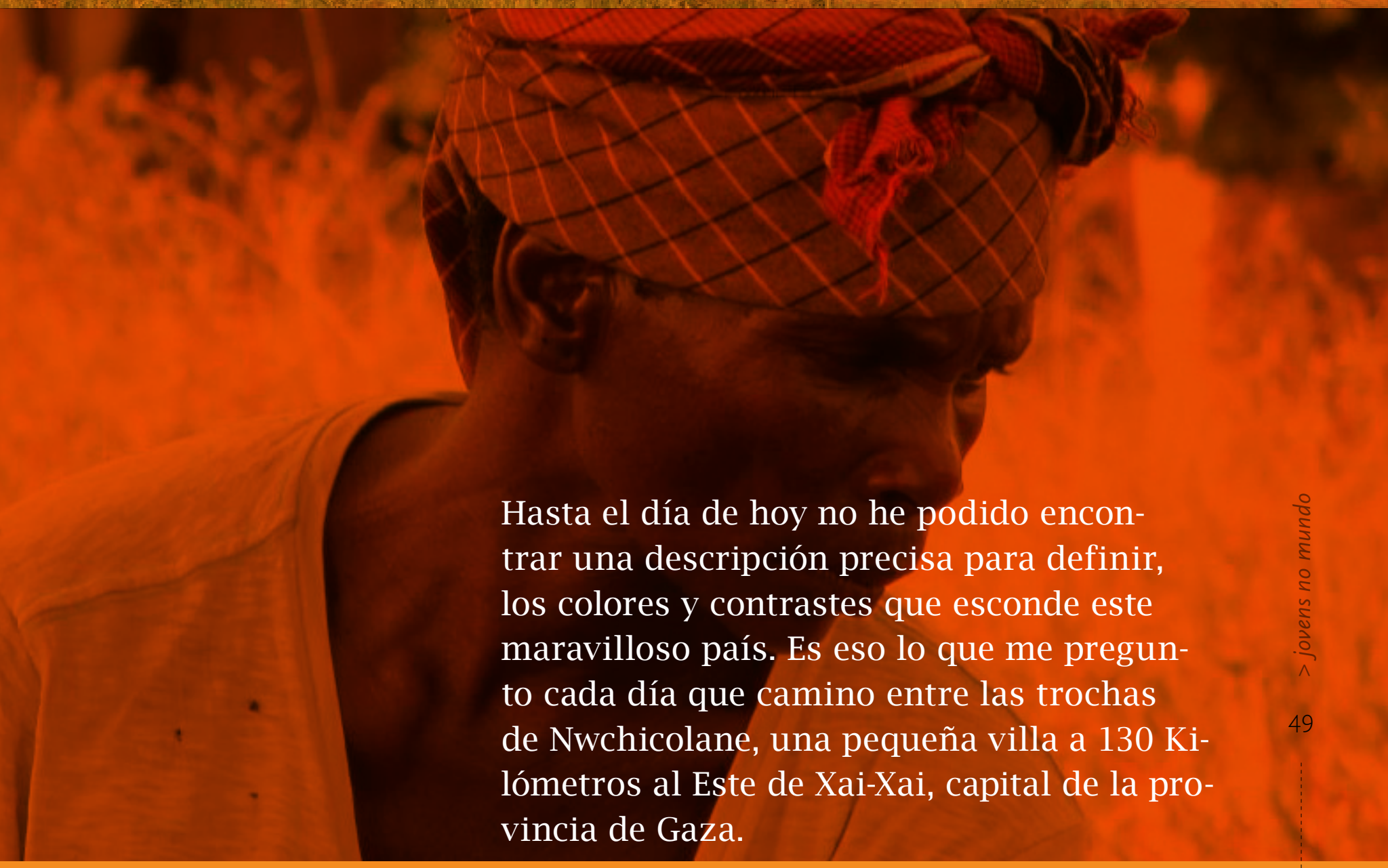
Idade: 17

Escolaridade: Ensino médio (cursando)

Profissão: Estudante

Cidade: Cidade de Goiás/GO

La vida en Mozambique, Tiene otro Color



Hasta el día de hoy no he podido encontrar una descripción precisa para definir, los colores y contrastes que esconde este maravilloso país. Es eso lo que me pregunto cada día que camino entre las trochas de Nwchicolane, una pequeña villa a 130 Kilómetros al Este de Xai-Xai, capital de la provincia de Gaza.

Hermosas y sinceras sonrisas, que no se pudo llevar una guerra civil de 16 años, y las imágenes de niños descalzos que tienen un contacto directo con la tierra es aprender a vivir la vida; esa es la lección diaria cuando me dirijo hacia mi trabajo.

> "Caminantes" foto por Selim Hong

Con mi jornada comenzando a las 07.00 a.m., algunas veces un poco mas temprano, me doy cuenta de lo afortunado que he sido de conocer este lado del mundo, y darme cuenta lo mucho que hay que para descubrir.

"Hace más de un año me embarque en esta aventura y me a pesar que o es fácil ver la realidad, donde la vida no es siempre justa, ellos son fuertes, alegres y abiertos; Tal vez la gente mas cálida que he conocido, mujeres de acero que como fuertes robles, enfrentan la vida, trabajan, y toman cuidado de sus familias.

Hermosas mujeres que resaltan por el blanco de sus sonrisas y sus vestidos coloridos comienzan su día a las 4 am en las huertas y terminan a las 12 del medio día, pilando maíz para hacer la cena.

Son estos mis profesores de cada día, a quienes irónicamente soy yo a quien ellos ven como profesor.

Aquí en Mozambique soy instructor para el desarrollo con un trabajo voluntario, aprendo de ellos, cuanto ellos de mim en un intercambio de conocimiento que no tiene barreras de idioma, raza o nivel social.

Haciendo un trabajo en equipo con la construccion de letrinas, sistemas básicos de higiene, y clases de nutrición básica han sido parte de las labores realizadas desde que llegué aquí, hace 4 meses.

> “Paisajes, riquezas naturales y lugares paradisíacos es lo que compone este país, que sufre, llora pero no se rinde. Mozambique “Estamos Juntos”.

> Por Johan Arroyo Lopez / Voluntario Nchicoluane, Gaza, Mozambique.

> “Mamá’” foto por Johan Arroyo Lopez

> “Fuerza’” foto por Johan Arroyo Lopez

organizações parceiras

Instituto de Protagonismo Juvenil – IPJ

Rua Cônego Benigno Lira, sn – Centro

CEP: 55750-000 / Surubim – PE / Brasil

Fones: (81) 9412-5731 / 9781-6950

www.juventudeprotagonista.org.br

ipj@juventudeprotagonista.org.br

ModernMo

1422 Piedmont Ave. #D3

Zipe Code: 30309 / Atlanta – GA / USA

www.modernmo.com

sage@sagesaturn.com

Coletivo Uttopia 21

Locus virtual

Fone: (62) 9320-4961

uttopia21.blogspot.com.br

uttopia21@gmail.com

Associação Projuv

Avenida Talhamares, 2001 – Santa Izabel

CEP: 78.200-000 / Cáceres – MT / Brasil

Fones: (65) 9686-6453 / 9935-1913

paulinhohpb@hotmail.com

"Like" us on Facebook – /RevistaGeracaoZ

Follow us on Twitter – @RevistaGeracaoZ

PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO DA GERAÇÃO Z

A Revista Geração Z
terá como tema da próxima edição:

Juventude e Educação Popular.

Se você gostaria de publicar um artigo, poema, crônica, histórias em quadrinhos, fotografias, etc. que estejam relacionadas com o tema entre em contato conosco até o dia 30 de junho.

Maiores informações em :
www.revistageracaoz.com.br

Revista
GERAÇÃO Z

CONCURSO IMAGEM DA CAPA

Se você é artista e gostaria de ter seu trabalho publicado na capa da revista e ter seu desenho visto pelo mundo, nos envie sua ideia até o dia 30 de junho.

Acesse nosso site e veja como participar:
www.revistageracaoz.com.br

Revista
GERAÇÃO Z

IPJ APRESENTA

SEMANA

Juventude protagonista

Cultura, Diversidade e Direito

Informações pelo site: www.juventudeprotagonista.org.br

3 anos

INSTITUTO DE Protagonismo Juvenil

Promovendo a Cidadania e o Protagonismo Juvenil

BASTA DE VIOLÊNCIA POLICIAL